

JAMES SALTER

Tudo que é

Um romance

Tradução

José Rubens Siqueira



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2013 by James Salter

Proibida a venda em Portugal.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

All that is — A novel

Capa

Daniel Trench

Foto de capa

Walt Woron/ The Enthusiast Network/ Getty Images

Preparação

Ciça Caropreso

Revisão

Thaís Totino Richter

Márcia Moura

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Salter, James

Tudo que é : um romance / James Salter ; tradução José Rubens Siqueira. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

Título original: All that is — A novel.

ISBN 978-85-359-2557-9

1. Ficção norte-americana I. Título.

15-02022

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

1. Raiar do dia

Durante toda a noite na escuridão a água passou depressa.

Em fileiras e fileiras de catres de ferro debaixo do convés, silenciosos, dois metros abaixo, centenas de homens deitados de costas, de olhos abertos, embora fosse quase de manhã. As luzes baixas, os motores pulsando sem parar, os ventiladores puxando ar úmido para dentro, mil e quinhentos homens com suas mochilas e armas prontos para irem até o fundo, como uma cunha jogada no mar, parte de um vasto exército rumando para Okinawa, a grande ilha ao sul do Japão. Na verdade, Okinawa *era* o Japão, parte da terra mãe, estranha e desconhecida. A guerra que se desenrolava havia três anos e meio vivia seu ato final. Em meia hora, os primeiros grupos de homens formariam fila para tomar o café da manhã de pé, ombro a ombro, solenes, mudos. O navio movia-se suavemente, com pouco barulho. O aço da estrutura rangia.

A guerra no Pacífico não era como o restante da guerra. Só as distâncias já eram enormes. Não havia nada além de dias sem fim de um mar vazio e nomes estranhos de lugares, com milha-

res de quilômetros entre eles. Tinha sido uma guerra de muitas ilhas, de arrancá-las dos japoneses, uma a uma. Chadalcanal, que era uma lenda. As Salomão e a Slot. Tarawa, onde o navio-transporte parava em recifes longe da costa e os homens eram dizimados pelo fogo inimigo denso como um enxame de abelhas, o horror das praias, corpos inchados boiando na água, os filhos da pátria, alguns deles bonitos.

No começo, com velocidade assustadora, os japoneses haviam derrubado tudo; tudo nas Índias Orientais holandesas, Maláia, Filipinas. Grandes baluartes, fortificações sólidas, sabidamente impenetráveis, foram arrasadas em questão de dias. Tinha havido apenas um contra-ataque, a primeira grande batalha de porta-aviões do Pacífico, perto de Midway, onde quatro porta-aviões japoneses, insubstituíveis, afundaram com todos os seus aviões e tripulação de veteranos. Um golpe assustador, mas ainda assim os japoneses continuaram implacáveis. Suas garras de ferro sobre o Pacífico teriam de ser quebradas dedo a dedo.

As batalhas eram infundáveis e impiedosas, na selva densa e no calor. Perto da costa, depois, as palmeiras ficavam nuas, como estacas altas, as folhas todas arrancadas a tiros. Os inimigos eram guerreiros selvagens, as estranhas estruturas em forma de pagode de seus navios de guerra, sua sibilante língua secreta, sua corpulência e ferocidade. Não se rendiam. Lutavam até a morte. Executavam os prisioneiros com espadas afiadas, espadas que erguiam com as mãos acima da cabeça, e eram impiedosos na vitória, braços erguidos em maciço triunfo.

Em 1944, começaram os grandes estágios finais. O objetivo era pôr a terra mãe japonesa ao alcance dos bombardeiros pesados. A chave era Saipan. Ela era extensa e pesadamente defendida. O exército japonês não perdia uma batalha fazia mais de trezentos e cinquenta anos, sem contar postos avançados (Nova Guiné, as Gilberts, lugares assim). Havia vinte e cinco mil soldados japone-

ses na ilha de Saipan, com ordens de não ceder nada, nem um centímetro de chão. Em termos de coisas terrenas, a defesa de Saipan era considerada uma questão de vida ou morte.

Em junho, começou a invasão. Os japoneses tinham forças navais perigosas na área, cruzadores pesados e navios de combate. Duas divisões da Marinha foram a terra e em seguida uma divisão do Exército.

Para os japoneses, isso se transformou no desastre de Saipan. Vinte dias depois, quase todos tinham perecido. O general japonês, também almirante, Nagumo, que comandara em Midway, cometeu suicídio, e centenas de civis, homens e mulheres, algumas mães com bebês nos braços, morrendo de medo de serem chacinados, saltaram dos altos penhascos para a morte nas rochas pontiagudas lá embaixo.

Foi o toque de silêncio. O bombardeio das principais ilhas do Japão era possível agora, e no raide mais maciço de todos, um ataque de bombas incendiárias a Tóquio, mais de oitenta mil pessoas morreram num inferno imenso de uma única noite.

Em seguida, Iwo Jima caiu. Os japoneses emitiram sua ameaça final: a morte de cem milhões de pessoas, a população inteira, mas jamais a rendição.

No caminho, estava Okinawa.

O dia estava raiando, o pálido amanhecer do Pacífico que não tinha um horizonte real e o alto das primeiras nuvens colhendo a luz. O mar estava deserto. O sol apareceu lentamente, inundando a água e a deixando branca. Um primeiro-tenente chamado Bowman tinha subido para o convés e estava parado à amurada, olhando para fora. Seu colega de cabine, Kimmel, juntou-se a ele em silêncio. Bowman nunca esqueceria esse dia. Nenhum deles esqueceria.

“Alguma coisa lá fora?”

“Nada.”

“Nada que dê para ver”, disse Kimmel.

Ele olhou para a proa, depois para a popa.

“Está quieto demais”, disse.

Bowman era oficial de navegação e também observador, como ficara sabendo apenas dois dias antes.

“Quais as funções disso, senhor?”, perguntou.

“Aqui está o manual”, disse o superior. “Leia.”

Ele começou a ler naquela noite, dobrando os cantos de algumas páginas enquanto lia.

“O que você está fazendo?”, Kimmel perguntou.

“Não me amole agora.”

“O que você está estudando?”

“Um manual.”

“Nossa, a gente no meio de águas inimigas e você aí sentado lendo um manual? Não é hora para isso. Você já devia saber o que fazer.”

Bowman o ignorou. Estavam juntos desde o começo, desde a escola de aspirantes navais, onde o comandante, um capitão da Marinha cuja carreira acabara quando seu destróier encalhou, mandou pôr no catre de cada homem um exemplar de *Uma mensagem a Garcia*, um texto inspirador sobre a guerra espanholo-americana. O capitão McCreary não tinha futuro, porém permanecia fiel aos padrões do passado. Bebia até o estupor todas as noites, mas de manhã estava alerta e bem barbeado. Sabia de cor o livro de regulamentos da Marinha e comprara os exemplares de *Uma mensagem a Garcia* com dinheiro do próprio bolso. Bowman lera cuidadosamente o *Mensagem* e anos depois ainda era capaz de recitar trechos dele. *Garcia estava em algum lugar na vastidão montanhosa de Cuba, ninguém sabia onde...* A questão era simples: cumpra com seu dever total e absolutamente,

sem perguntas desnecessárias nem desculpas. Kimmel tinha caído na gargalhada ao ler isso.

“Sim, senhor, sim. Homens às armas!”

Tinha cabelo escuro, era magro e andava com um passo largo que dava a impressão de que suas pernas eram compridas. Sempre parecia ter dormido com a farda. O pescoço era fino demais para o colarinho. A tripulação o chamava de Camel, mas tinha banca de playboy e as mulheres gostavam dele. Em San Diego, se animara com uma garota muito viva chamada Vicky, cujo pai era dono de uma loja de carros, Palmetto Ford. Vicky tinha cabelo loiro puxado para trás e um toque de ousadia. Sentiu-se atraída por Kimmel imediatamente, por causa do glamour indolente dele. No quarto de hotel que dividia com outros dois oficiais e onde, ele explicou, poderiam fugir do barulho do bar, os dois ficaram sentados bebendo Canadian Club e Coca-Cola.

“Como é que isto foi acontecer?”, ele perguntou.

“Isto o quê?”

“Eu encontrar alguém como você.”

“Merecer você não merece mesmo”, ela disse.

Ele riu.

Ela tomou um golinho da bebida.

“Destino. Então, vou casar com você?”

“Nossa, já chegamos a esse ponto? Não tenho idade para casar.”

“O mais provável é que você me enganasse pelo menos umas dez vezes no primeiro ano”, ela disse.

“Eu nunca vou te enganar.”

“Ha ha.”

Ela sabia exatamente como ele era, mas iria mudar isso. Gostava da risada dele. Ia ter de conhecer o pai dela primeiro, ela comentou.

“Eu adoraria conhecer o seu pai”, Kimmel respondeu com uma aparente seriedade. “Já contou para ele sobre nós?”

“Acha que eu sou louca? Ele me mataria.”

“Como assim? Por quê?”

“Por ficar grávida.”

“Você está grávida?”, Kimmel perguntou, alarmado.

“Quem sabe?”

Vicky Rollins com seu vestido de seda, olhares se pendurando nela quando ela passava. De salto não ficava tão baixa. Gostava de chamar a si mesma pelo sobrenome. Aqui é Hollins, dizia ao atender o telefone.

Estavam partindo, isso era o que tornava a coisa toda real, ou com um certo tipo de realidade.

“Quem sabe se eu vou voltar”, ele disse de um jeito vago.

As cartas dela haviam chegado em dois pacotes que Bowman trouxera de Leyte. Seu superior o mandara até lá para tentar encontrar a correspondência do navio na Central de Correio da Frota — não tinham recebido nada durante dez dias — e ele voara de volta com aquilo, triunfante, em um TBM. Kimmel leu em voz alta partes das cartas dela, principalmente por causa de Brownell, o terceiro homem da cabine. Brownell era intenso e moralmente puro, com um queixo encaroçado com marcas de acne. Kimmel gostava de provocá-lo. Cheirou uma página da carta. É, era o perfume dela, disse, ele reconheceria em qualquer lugar.

“E talvez mais alguma coisa”, especulou. “Não sei. Você acha que ela esfregou a carta na... Sinta”, disse, oferecendo a Brownell, “me diga o que você acha.”

“Eu não saberia”, Brownell respondeu, inquieto. Os caroços de seu queixo apareceram.

“Ah, claro que sabe, um perdigueiro de xoxota como você.”

“Não tente me envolver na sua devassidão”, disse Brownell.

“Não é devassidão, ela está me escrevendo porque a gente se apaixonou. É uma coisa bonita e pura.”

“Como você ia saber?”

Brownell estava lendo *O profeta*.

“O *profeta*. O que é isso?”, Kimmel perguntou. “Deixe eu ver. O que ele faz? Conte para a gente o que acontece.”

Brownell não respondeu.

As cartas eram menos excitantes do que uma página coberta de caligrafia feminina podia sugerir. Vicky era falante e suas cartas eram um relato detalhado e um tanto repetitivo de sua vida, que, em parte, consistia em voltar a todos os lugares onde ela e Kimmel tinham estado, geralmente na companhia de Susu, sua melhor amiga e também na companhia de outros jovens oficiais da Marinha, mas sempre pensando em Kimmel. O atendente do bar lembrava deles, disse ela, um casal fabuloso. O fecho das cartas era sempre um verso de uma canção popular. *I didn't want to do it*, ela escreveu.

Bowman não tinha namorada, nem fiel nem outra coisa. Ele nunca tivera uma experiência amorosa, mas relutava em admitir isso. Simplesmente deixava passar o assunto quando discutiam mulheres e agia como se o ousado caso de Kimmel fosse um território mais ou menos familiar para ele. Sua vida era o navio e seus deveres a bordo. Sentia-se leal a isso e a uma tradição que respeitava, tinha certo orgulho quando o capitão ou o superior chamava: “Sr. Bowman!”. Ele gostava da confiança que depositavam nele, mesmo que de última hora.

Era diligente. Tinha olhos azuis e cabelo castanho penteado para trás. Aplicara-se na escola. Miss Crowley o havia puxado de lado depois da aula e dito que ele tinha tudo para ser um bom latinista, mas, se ela o visse agora de uniforme e com sua insígnia oxidada pelo mar, ela ficaria muito impressionada. Desde o momento em que ele e Kimmel haviam se juntado ao navio em Ulithi, sentia que seu desempenho tinha sido bom.

Como iria se comportar em ação era o que estava pensando

em sua cabeça nessa manhã, os dois ali parados, olhando o mar misterioso, estrangeiro, e depois o céu que já ficava mais claro. Coragem e medo e como se agiria debaixo de fogo não estavam entre as coisas que se conversava. Todo mundo esperava ser capaz de fazer o que era devido quando chegasse a hora. Ele tinha fé, mesmo que não total, em si mesmo, e na liderança, nos nomes veteranos que comandavam a frota. Uma vez, à distância, ele tinha visto, baixa e deslizando depressa, a nau capitânia camuflada, a *New Jersey*, com Halsey a bordo. Era como ver de longe o imperador em Ratisbona. Ele sentiu uma espécie de orgulho e até de realização. Aquilo bastava.

O perigo real viria do céu, dos ataques suicidas, dos kamikaze — a palavra queria dizer “vento divino”, a tempestade enviada pelo céu que salvara o Japão da invasão de Kublai Khan séculos antes. Era a mesma intervenção do alto, mas dessa vez com aviões carregados de bombas voando para cair diretamente sobre os navios inimigos, seus pilotos morrendo no ato.

O primeiro desses ataques tinha sido nas Filipinas meses antes. O avião japonês mergulhou num pesado cruzador e explodiu, matando o capitão e muitos mais. Desde então os ataques haviam se multiplicado. Os japoneses vinham em grupos irregulares, aparecendo de repente. Os homens olhavam com fascinação e medo quase hipnóticos quando vinham diretamente na direção deles através da densa artilharia antiaérea ou mergulhavam, roçando a água. Para defender Okinawa, os japoneses planejaram lançar o maior de todos os ataques kamikaze. A perda de navios seria tão grande que a invasão teria de recuar, destruída. Não era um mero sonho. O resultado de grandes batalhas podia depender de determinação.

Ao longo de toda a manhã, porém, nada aconteceu. As marés subiram e passaram, algumas ondas explodindo, brancas, rolando para a frente e quebrando para trás. Havia um banco de nuvens. Abaixo delas, o céu estava claro.

O primeiro alerta de aviões inimigos veio num chamado da ponte, e Bowman estava correndo à sua cabine para pegar o colete salva-vidas, quando o alarme de alerta geral soou, sobrepondo-se a tudo. Ele passou por Kimmel, que usava um capacete que parecia grande demais para ele e subia correndo a escada de aço, gritando: “É agora! É agora!”. O fogo havia começado e cada arma do navio e dos navios próximos acompanhou. O som era ensurdecedor. Enxames de fogo antiaéreo flutuavam para o alto em meio a tufos escuros. Na ponte, o capitão batia no braço do piloto para que escutasse. Homens ainda corriam para seus postos. Tudo acontecia em duas velocidades, a do alarido e a da desesperada urgência da ação, e também, numa menor, na velocidade da destruição, com manchas escuras no céu deslizando pelo tiroteio. Estavam longe e parecia que o fogo não conseguia atingi-los, quando de repente alguma outra coisa começou, no meio do estrondo um avião escuro vinha descendo e como um inseto cego, certo, virava na direção deles, insígnias vermelhas nas asas e uma cobertura preta brilhante. Todas as armas do navio atiravam e os segundos iam se extinguindo um depois do outro. Então, com uma grande explosão e um gêiser de água, o navio adernou sob os pés deles — tinham sido atingidos pelo avião, ou este apenas caíra ao lado deles. Na fumaça e na confusão, ninguém sabia.

“Homem ao mar!”

“Onde?”

“Na popa, senhor!”

Era Kimmel, que, achando que o depósito de explosivos do meio do navio havia sido atingido, saltara na água. O barulho ainda era terrível, estavam atirando em tudo. Na esteira do navio, tentando nadar em meio a destroços e ondas enormes, Kimmel ia desaparecendo. Não podiam parar nem voltar por causa dele. Ele teria se afogado se, milagrosamente, não tivesse sido visto e

recolhido por um destróier que, quase na mesma hora, foi afundado por outro kamikaze e sua tripulação resgatada por um segundo destróier que, pouco mais de uma hora depois, estava destruído na água. Kimmel acabou no hospital naval. Tornou-se uma espécie de lenda. Tinha saltado de seu navio por engano e em um dia tinha visto mais ação do que todos os outros veriam na guerra inteira. Depois Bowman perdeu contato com ele. Várias vezes, ao longo dos anos, tentou localizá-lo em Chicago, mas sem sorte. Mais de trinta navios foram afundados nesse dia. Foi a maior provação da frota durante a guerra.

Perto do mesmo lugar, poucos dias depois, soou o toque de morte da Marinha imperial. Durante mais de quarenta anos, desde sua incrível vitória sobre os russos em Tsushima, os japoneses vinham aumentando seu poderio militar. Um império que era uma ilha exigia uma frota poderosa, e os navios japoneses foram projetados para ser superiores. Como suas tripulações eram formadas por homens de baixa estatura, não era preciso tanto espaço entre os conveses nem tanto conforto, e isso permitia armamento mais pesado, armas maiores e maior velocidade. O maior desses navios, invencível, com um aço mais espesso que qualquer outro existente e design avançado, tinha o poético nome da própria nação, *Yamato*. Com ordens para atacar a vasta frota invasora na costa de Okinawa, ele partiu, escoltado por nove navios, de um porto no mar Interior, onde ele havia estado a postos.

Era uma partida cheia de presságios, como o silêncio arrepiante que precede uma tempestade. Pela água verde do porto, o *Yamato* rumava para o mar no fim do dia, longo, escuro e poderoso, deslizando devagar e com imponência a princípio, uma onda de proa se formando, ganhando velocidade, quase si-

lencioso, a silhueta dos guindastes escuros das docas passando, a costa oculta por uma névoa noturna, deixando redemoinhos de espuma branca em sua esteira. Os sons que se escutavam eram abafados, havia uma sensação de despedida. O capitão dirigiu-se a toda a tripulação aglomerada no convés. Havia muita munição, armários cheios de grandes bombas do tamanho de ataúdes, mas nenhum combustível para a volta, ele disse aos homens. Três mil homens e um vice-almirante estavam a bordo. Tinham escrito cartas de despedida a seus pais e esposas em casa e navegavam para a morte. *Busque a felicidade com outro*, escreveram. *Tenha orgulho de seu filho*. A vida era preciosa para eles. Estavam sombrios e temerosos. Muitos rezavam. Sabia-se que o navio devia perecer como um emblema da vontade imorredoura da nação de não se render.

Com o cair da noite, passaram pelo litoral de Kyushu, uma das principais ilhas japonesas que ficava mais ao sul, onde o contorno de um navio de guerra americano havia sido desenhado na praia para que os pilotos que iam atacar Pearl Harbor pudessem praticar o bombardeio. As ondas batiam e passavam. O espírito da tripulação estava estranho, era quase de alegria. Sob o luar, cantaram e gritaram *banzai!* Muitos notaram um brilho estranho no mar.

Foram descobertos ao amanhecer, ainda longe de qualquer navio americano. Um navio de patrulha enviara por rádio um aviso claro e urgente: *Força tarefa inimiga indo para o sul. Ao menos um navio de guerra, muitos destróieres. Velocidade vinte e cinco nós*. O vento tinha aumentado de manhã. O mar estava agitado, com nuvens baixas e pancadas de chuva. Grandes ondas rugiam na lateral do navio. Depois, como previsto, os primeiros aviões apareceram no radar. Não era uma única formação, mas muitas, um enxame cobrindo o céu, duzentos e cinquenta aviões de bombardeio.

Eles saíam das nuvens, mergulhavam e despejavam torpedos, mais de uma centena cada vez. O *Yamato* tinha sido construído para ser invulnerável a ataques aéreos. Todos os seus canhões estavam disparando quando as primeiras bombas o atingiram. Um dos destróieres da escolta adernou, mortalmente atingido e, mostrando sua barriga vermelho-escura, afundou. Através da água, vinte torpedos corriam na direção do *Yamato*, deixando trilhas brancas como cordões. O convés invencível se rasgara, aço de quase meio metro de espessura, homens esmagados ou cortados em dois. “Não percam a coragem!”, gritou o capitão. Oficiais haviam se amarrado a seus postos na ponte, enquanto mais bombas atingiam o navio. Outras passavam perto, levantando altas colunas de água, muralhas de água que caíam sobre o convés, sólidas como rocha. Não era uma batalha, era um ritual, como a morte de uma fera imensa abatida por golpes repetidos.

Uma hora se passou e os aviões continuavam chegando, uma quarta leva deles, depois uma quinta e uma sexta. A destruição era inimaginável. O leme foi atingido, o navio girava desesperadamente. Tinha começado a adernar, o mar invadia o convés. *Minha vida inteira foi a bênção do seu amor*, eles tinham escrito a suas mães. Os livros de códigos eram encadernados com chumbo, portanto afundariam com o navio, e sua tinta era do tipo que se dissolve na água. Quase três horas depois, com aproximadamente oitenta graus de inclinação, centenas de mortos e mais feridos, cegos e arruinados, o gigantesco navio começou a afundar. As ondas varriam sobre ele e os homens que se agarravam ao convés eram levados pelo mar em todas as direções. Quando afundou, formou-se um imenso redemoinho em torno dele, uma corrente feroz na qual os homens não conseguiam sobreviver, eram sugados para baixo como se despencassem no ar. A seguir, um desastre pior. A munição estocada, as grandes bombas, toneladas e toneladas delas, deslizaram de seus suportes

e bateram de nariz nas laterais elevadas da embarcação. Do fundo do mar, subiu uma imensa explosão, emitindo uma luz tão intensa que foi avistada até mesmo em Kyushu, quando os depósitos cheios de explosivos estouraram. Ergueu-se uma coluna de fogo de um quilômetro e meio, uma coluna bíblica, e o céu se encheu de pedaços de metal em brasa que caíam como chuva. Como um eco, veio do fundo uma segunda explosão, culminante, e uma densa fumaça se levantou.

Os tripulantes que não tinham sido sugados para o fundo ainda nadavam. Negros de óleo e sufocando nas vagas. Uns poucos cantavam.

Foram os únicos sobreviventes. Nem o capitão, nem o almirante estavam entre eles. O restante dos três mil homens estava no corpo sem vida do navio que havia assentado no fundo do mar.

A notícia do afundamento do *Yamato* espalhou-se rapidamente. Foi o fim da guerra no mar.

O navio de Bowman era um dos muitos ancorados na baía de Tóquio quando a guerra terminou. Depois, dirigiu-se a Okinawa para pegar tropas que voltavam para casa, mas Bowman teve a oportunidade de ir a terra em Yokohama e caminhar pela parte que restara da cidade. Caminhou por quarteirões vazios, com nada além de alicerces. O cheiro de entulho queimado, acre e impregnado de morte pairava no ar. Entre as únicas coisas não destruídas, estavam os cofres maciços dos bancos, de aço sólido, embora os edifícios que os abrigavam não existissem mais. Nas sarjetas havia papéis queimados, notas de dinheiro, tudo o que restava do sonho imperial.